



**Kelly Cristina Campones
(Organizadora)**

A Interlocução de Saberes na Formação Docente

Atena
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Formação Docente

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
I61	A interlocução de saberes na formação docente 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Interlocução de Saberes na Formação Docente; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-532-7 DOI 10.22533/at.ed.327191408 1. Educação – Estudo e ensino – Avaliação. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Compreende-se que a formação de professores é uma área de pesquisa abrangente e de longa data, que vem apresentando grandes desafios: seja nas políticas públicas envolvidas, seja nas experiências adquiridas durante seu período de formação e/ou na compreensão sobre a consciência desse processo, no que tange a apropriação de saberes necessários à inserção na docência.

Neste sentido, a obra: “A interlocução dos saberes na formação docente” foi organizado considerando as pesquisas realizadas nas diferentes modalidades de ensino bem como, nas suas interfaces ligadas na área da saúde, inclusão, cultura, entre outras. Aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 24 capítulos, as pesquisas relativas à Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II .

O volume II, composto por pesquisas relativas ao Ensino Superior perpassando pelo ensino da Educação de Jovens e Adultos , educação profissional e inovações e no seu terceiro volume, aspectos da formação de professores nas tratativas de inclusão bem como, a importância do papel do coordenador(a) e algumas práticas profissionais considerando a relação cultural como fator preponderante no desenvolvimento das práticas educacionais.

Cabe aqui apontar que, os diferentes saberes fundamentam o trabalho dos professores e pode se estabelecer a partir de um processo de enfrentamento dos desafios da prática, resultante em saberes, entretanto pode também ser resultado das resistências.

As suas relações com a exterioridade fazem com que, muitas vezes, valorizem-se muito os saberes experienciais, visto que, as situações vividas podem até ser diferentes, todavia guardam proximidades e resultam em estratégias e alternativas prévias para outras intercorrências.

A mediação entre as práticas de ensino docente frente às atividades propostas adotadas é envolta em uma dinâmica da sala de aula e por consequência na obtenção do conhecimento. Esse “[...] processo dinâmico, contraditório e conflituoso que os saberes dessa prática profissional são construídos e reconstruídos” (ROMANOWSKI, 2007, p.55).

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata pesquisas que nos leva ao repensar das ações educacionais, os agradecimentos dos Organizadores e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que as pesquisas aqui descritas possam colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de aprofundar e/ou buscar inovar na área da interlocução dos saberes na formação docente e, assim, possibilitar sobre os aspectos quantitativos e qualitativos a busca constante das melhorias da formação docente brasileira.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 1 1

ENSINAR A LER E A ESCREVER: DIFERENTES CAMINHOS LEVAM A DIFERENTES LUGARES

Ivete Janice de Oliveira Brotto

Cleonilde Fátima Wagner

DOI 10.22533/at.ed.3271914081

CAPÍTULO 2 9

O JOGO NAS REFLEXÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÃO INICIAL SOBRE O TEMA

Jersica Ramos Dos Santos

Wellington Araújo Silva

DOI 10.22533/at.ed.3271914082

CAPÍTULO 3 23

UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gislaine Bueno de Almeida

Amanda Mendes Cordeiro Santos

Marta Regina Furlan de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3271914083

CAPÍTULO 4 28

ALIMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Natália Navarro Garcia

Marilda Andrade dos Santos

Rosilene Arnoud de Souza

Vanessa Pereira Almeida

Marta Silene Ferreira Barros

DOI 10.22533/at.ed.3271914084

CAPÍTULO 5 34

DOM OU PERFIL PARA ALFABETIZAR? DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO DOCENTE

Luciana Nogueira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3271914085

ENSINO FUNDAMENTAL I E II

CAPÍTULO 6 47

AULA PRÁTICA NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE MICROBIOLOGIA ENSINO FUNDAMENTAL II

Amanda Jéssica Silva Santos

Érica Oliveira de Lima

Victor Hugo de Oliveira Henrique

DOI 10.22533/at.ed.3271914086

CAPÍTULO 7	57
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA	
Sandra dos Santos Alves	
Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.3271914087	
CAPÍTULO 8	64
GINCANA LITERÁRIA: FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Renata Aparecida da Silva	
Daniele Trevisan	
Maria Bezerra Tejada Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3271914088	
CAPÍTULO 9	73
ESTUDOS INICIAIS DE LETRAMENTO DO BLOG QUIPIBID	
Marielle Toledo Silva	
Karla Nara da Costa Abrantes	
Fabiana Gomes	
Alécia Maria Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.3271914089	
CAPÍTULO 10	80
OLHANDO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA RURAL, LOCALIZADA EM CRUZEIRO DO SUL, ACRE	
Francisco Sidomar Oliveira da Silva	
Maria Tatiane Damasceno Souza	
Josenilson da Silva Costa	
Elizabeth do Carmo Silva	
Aline Andréia Nicolli	
DOI 10.22533/at.ed.32719140810	
CAPÍTULO 11	93
PRÁTICAS DOCENTES COMO PRINCÍPIO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	
Glicimar Breger de Sousa	
Suhênia Carvalho Rosário	
Jaqueline Scalzer	
DOI 10.22533/at.ed.32719140811	
CAPÍTULO 12	101
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EEF ALBA MARIA DE ARAÚJO LIMA AGUIAR NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM CE	
Neyla Joseane Passos Faustino	
Maria Elioneide de Souza Costa	
Roger Almeida Gomes	
Antonia Marília Vieira da Costa	
Antonia Vanessa Carvalho Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.32719140812	

CAPÍTULO 13 110

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA VIVENCIADA NO MAISPAIC: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE PROFESSORES DO 2º ANO DO MUNICÍPIO DE IGUATU – CE

Afrânio Vieira Ferreira
Giovana Maria Belém Falcão
Genira Fonseca de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.32719140813

CAPÍTULO 14 120

AValiação INSTITUCIONAL: OS IMPACTOS DO SAEB NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Alberico Francisco do Nascimento
Naldirene do Nascimento Fonseca
Milena da Silva Rocha

DOI 10.22533/at.ed.32719140814

ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO 15 131

A GEOGRAFIA E O “NOVO” ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CURRICULAR

Gênese de Souza Chagas
Michele Souza da Silva
Pedro Henrique Dias Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.32719140815

CAPÍTULO 16 143

CANHÃO DE GAUSS COMO FACILITADOR NO ENSINO DE FÍSICA DO ENSINO MÉDIO

Thierry Melo
Lucineide Sales da Silva
Samara Sales da Silva
Alex Nunes da Silva
Devacir Vaz de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.32719140816

CAPÍTULO 17 152

METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE QUÍMICA: APLICAÇÃO DO JOGO LÚDICO “BINGO PERIÓDICO”

Jorge Oliveira Monteiro Junior
Ísis Fernanda Ferreira de Sousa Alves
Marcelo Henrique Vilhena da Silva
Raimundo Negrão Neto
Silber Luan dos Santos Bentes
Solange Maria Vinagre Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.32719140817

CAPÍTULO 18 162

INVESTIGAÇÃO MATEMÁTICA COM O GEOGEBRA: OPERAÇÕES COM NÚMEROS COMPLEXOS E SUAS INTERPRETAÇÕES GEOMÉTRICAS

Elizandre Medianeira Silva dos Santos
Carmen Mathias
Alice de Jesus Kozakevicius

DOI 10.22533/at.ed.32719140818

CAPÍTULO 19	175
INDICADOR ÁCIDO-BASE NATURAL PARA O ENSINO DE EQUILÍBRIO QUÍMICO NO ENSINO MÉDIO	
Islany Keven das Chagas Silva	
Leilane Maria de Araújo Alves	
Erickes Weldes Cunha de Araújo	
Luís Miguel Pinheiro de Sousa	
Joaquim Soares da Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.32719140819	
CAPÍTULO 20	183
PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO ENEM PELOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA PARA APRENDIZAGEM DE GRANDEZAS E MEDIDAS	
Aline Alves Moreira	
Diego Borges Silva	
Kátia Regina da Silva	
Maria Margarete Delaia	
Narciso das Neves Soares	
Josiel de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.32719140820	
CAPÍTULO 21	195
VISITA TÉCNICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO IFRO – CAMPUS VILHENA	
Maria Consuelo Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.32719140821	
CAPÍTULO 22	204
TAPETE DE PZT	
Nicolas Henrique da Silva Santos	
Matheus Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.32719140822	
CAPÍTULO 23	217
A VISITA TÉCNICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE FÍSICA	
Jose Carlos de Andrade	
Teresinha Vilani Vasconcelos de lima	
DOI 10.22533/at.ed.32719140823	
CAPÍTULO 24	228
APRENDIZAGEM DE ÁLGEBRA: DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA	
João Marcos Palhano da Silva	
Kátia Regina da Silva	
Maria Margarete Delaia	
Narciso das Neves Soares	
Josiel de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.32719140824	
SOBRE A ORGANIZADORA	241
ÍNDICE REMISSIVO	242

DOM OU PERFIL PARA ALFABETIZAR? DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO DOCENTE

Luciana Nogueira da Silva

Universidade Estadual de Goiás – UEG

Campos Belos – GO

RESUMO: O domínio competente da leitura e da escrita é condição para o desenvolvimento da cidadania tendo em vista a sociedade letrada na qual estamos inseridos. O prosseguimento de qualidade nos estudos na Educação Básica também só é possível para a criança que lê e escreve. E a alfabetização que geralmente ocorre no 1º ano do Ensino Fundamental é o meio pelo qual o aluno tem condições de se inserir nessa cultura letrada na escola e na sociedade. O objetivo do referido trabalho de pesquisa é discutir as especificidades da formação do professor alfabetizador bem como os desafios e as possibilidades para o trabalho docente com o aluno em processo de alfabetização e letramento. Como aporte teórico utilizamos Brasil (2006), (2015), Ferreiro (2011), (2012), Teberosky; Colomer (2003), Soares (2003), (2010), (2012), Rojo (2012). A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas realizadas com professores e coordenadores pedagógicos que atuam nas turmas de alfabetização e no 4º e 5º ano. O referido trabalho conclui que todo professor que atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mesmo aqueles dos anos mais avançados, precisa ser alfabetizador sob pena

de prejudicar o aluno interrompendo o processo de alfabetização e o processo de formação do alfabetizador precisa contemplar as especificidades do processo de alfabetização e letramento.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização e Letramento. Formação de professores. Trabalho docente.

GIFT OR ABILITY FOR LITERACY?

CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR
TEACHING WORK

ABSTRACT: The competent field of reading and writing is a condition for the development of citizenship in view of the literate society in which we are inserted. The continuation of quality in studies in Basic Education is also only possible for the child who reads and writes. And the literacy that usually occurs in the first year of elementary school is the means by which the student is able to insert himself in this literate culture in school and society. The objective of this research is to discuss the specifics of the literacy teacher training as well as the challenges and possibilities for the teaching work with the student in the process of literacy and literacy. As a theoretical contribution we use Brasil (2006), (2015), Ferreiro (2011), (2012), Teberosky; Colomer (2003), Soares (2003), (2010), (2012),

Rojo (2012). The research was developed through interviews with teachers and pedagogical coordinators who work in literacy classes and in the 4th and 5th year. This work concludes that all teachers who work in the initial years of elementary school, even those of the most advanced years, must be literate, under penalty of prejudicing the student interrupting the process of literacy and the process of literacy formation must take into account the specificities of the process literacy and literacy.

KEYWORDS: Literacy. Formation of teacher. Teaching work.

1 | INTRODUÇÃO

Entre todas as habilidades de um docente que atua nos Anos Iniciais vale destacar as funções do professor alfabetizador, que deve compreender as especificidades do aluno em processo de alfabetização. Esta por sua vez deve ser entendida como a “[...] aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão.” (SOARES, 2012, p. 17). Segundo a autora, esse processo não deve ser visto como uma simples tradução escrita do oral. Por isso, são necessárias ações intencionais em que o professor se proponha a conhecer o aluno e suas especificidades de aprendizagens.

A pesquisa aqui apresentada tem uma abordagem qualitativa em que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 48), “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. A autora deste trabalho é professora alfabetizadora no 1º ano do Ensino Fundamental e professora do curso de Pedagogia. Na formação de professores, é responsável pela disciplina Métodos e Processos de Alfabetização e Letramento que faz parte do currículo do curso de Pedagogia. No período da manhã alfabetiza e a noite diz aos estudantes e futuros professores como alfabetizar. Nesse encontro de papéis, a análise crítica diária das ações é inevitável.

Com o objetivo de conhecer a concepção dos professores e coordenadores pedagógicos sobre as especificidades de ser professor no processo de alfabetização, compreendendo esta como um ciclo que engloba o 1º, 2º e 3º ano, e no 4º e 5º ano, foram realizadas entrevistas com os docentes que atuam nos referidos anos do Ensino Fundamental. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 68), as entrevistas realizadas no contexto das pesquisas qualitativas devem considerar o pensamento, as experiências particulares dos entrevistados e devem ser desenvolvidas mais como “conversas entre dois confidentes do que a uma sessão formal de perguntas e respostas entre um investigador e um sujeito. Esta é a única maneira de captar aquilo que é verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 68). Desta forma, foram realizadas entrevistas com professores e

coordenadores pedagógicos que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola no município de Campos Belos no estado de Goiás.

2 | ALFABETIZAR E LETRAR?

As contribuições da pesquisadora Magda Soares (2003, 2010, 2012) para o trabalho docente no âmbito da alfabetização são fundamentais. Com as discussões sobre letramentos adentrando a escola e a formação inicial e continuada de professores, alfabetizadores ficaram deslocados. Sabiam alfabetizar, mas não letrar. Com as práticas tradicionais de alfabetização propostos pelos métodos analíticos e sintéticos (CARVALHO, 2009) apresentado nas cartilhas, o letramento não tinha espaço. No entanto, com vistas a atender às novas demandas da educação contemporânea, alfabetizar a partir de uma prática que desconsidera os usos sociais da língua e os textos que circulam na sociedade, já não é suficiente.

Essas exigências trouxe o letramento com força para os contextos educacionais, mas colocou para escanteio a alfabetização como se esta já não fosse mais necessária. A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por freqüentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade. (SOARES, 2003, p. 11)

É necessário letrar com atividades que envolva situações reais de comunicação na sociedade. Os textos cartilhescos perdem espaço para os gêneros textuais. A função social dos textos e seus usos deve fazer parte de um processo que não apenas alfabetiza, mas letra. Mas, e a alfabetização? De acordo com Soares (2003) é importante pensar nas especificidades de cada processo. Alfabetizar letrando, sem perder de vista as características de cada um.

[...] o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita [...] (SOARES, 2003, p. 16)

Letrar sem alfabetizar, colocar a criança em contato com textos sem criar situações em que ela pense sobre os usos da língua e as funções sociais dos textos, sobre a estrutura da escrita e suas relações com os fonemas, não vai facilitar o processo de alfabetização. Por outro lado, alfabetizar não significa submeter às crianças a textos cartilhescos sem qualquer relação com situações reais de comunicação. Textos pautado e duas ou três famílias silábicas, que não faz sentido para a criança e não tem qualquer função social desconsidera os processos de letramento. O professor alfabetizador deve ter uma ação pedagógica que compreenda a necessidade de alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando.

Isso significa dizer que o professor alfabetizador vai ter que ensinar para o aluno

que B com A é BA e que F com O é FO. Quem está na sala de aula sabe que isso faz parte do processo de alfabetização e por isso é necessário que a criança entenda os elementos que compõem a organização da língua escrita. Nesse processo de alfabetização, o letramento é possível a partir da presença de textos diversos na sala de aula.

O que vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos “popular/de massa/erudito”), desde sempre, híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes “coleções”. (ROJO, 2012, p. 13)

Diversos textos em diversos suportes fazem parte da sociedade e das formas de comunicação. Impressos ou digitais, não podemos privar sua presença na escola já que estão tão presentes na sociedade. Desenvolver uma ação pedagógica que crie situações de aprendizagens envolvendo textos literários como o poema “A foca” de Vinicius de Moraes, oportuniza ao aluno conhecer a organização estética e a linguagem poética, em contato com um encantador gênero textual que composto de várias rimas e palavras escritas com diferentes letras, trazem para a criança a reflexão sobre os sons que rimam, sobre palavras escritas com FO por meio da palavra FOCA, entre outras aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento do processo de aquisição da língua escrita.

Nesse processo de alfabetizar enquanto se letra, é necessário compreender as escritas escolares como a própria escrita social. Segundo Teberosky; Colomer (2003, p. 84)

O material da escola infantil não deveria se limitar-se aos escritos escolares, mas deveria explorar os espaços escritos nas ruas, nos bairros, os espaços domésticos e familiares, que permitem uma primeira iniciação às diversas formas de escrita.

As autoras apontam para a necessidade de que o processo de leitura e de escrita se organizem na escola a partir de diversos gêneros textuais em uma experiência rica com as formas de produções sociais da escrita.

A seleção de diferentes tipos de escritos responde ao objetivo de favorecer a permeabilidade entre o ambiente social e a escola. A iniciativa de deixar entrar os escritos não (tradicionalmente) escolares facilita não apenas a contextualização da aprendizagem, mas favorece um movimento inverso: a participação infantil, fora da escola, no mundo da escrita. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 85)

Por meio dessas imbricações, a leitura social é também escolar, e assim é possível permitir a inserção do aluno na sociedade letrada. A alfabetização nessa perspectiva é emancipatória e a criança aprende a ler e escrever na escola em consonância com as suas necessidades de atuação na sociedade.

3 | DOM PARA ALFABETIZAR? E A FORMAÇÃO?

Dom é uma palavra que ultimamente tem feito parte do discurso docente com

muita força. Recentemente o renomado apresentador, jornalista e comentarista Alexandre Garcia fez um comentário no telejornal Bom Dia Brasil da Rede Globo de televisão sobre a profissão docente “[...] professor é um dom; é uma vocação. A pessoa nasce professor. E não tem que se envergonhar, a não ser com o salário.” (BOM DIABRASIL, 2014, p. 01). O comentário foi emitido com a melhor das intenções: Defender a causa docente, refutar os baixos salários e enfatizar que toda profissão passa pelo professor. Não é estranho que um profissional sem formação na área do magistério faça um comentário como este certo de que está contribuindo para a valorização docente. Estranho é o fato de o comentário ter viralizado nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp de professores como se fosse o próprio discurso docente.

Relacionar a palavra dom à docência não faz parte do discurso apenas dos leigos na área educacional, mas também dos próprios professores. Nas entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa os professores responderam que alfabetizar é um dom. Segundo o dicionário dom é um “donativo; dádiva” ou “aptidão inata” (INFOPÉDIA, 2003). Uma qualidade que nasce com o indivíduo, um talento que é recebido como um presente e não como uma conquista. Com o objetivo de compreender as especificidades do professor alfabetizador na percepção das próprias professoras alfabetizadoras e daquelas que atuam nas turmas mais avançadas, foi realizada uma entrevista nos moldes de uma conversa informal. Foi realizada também uma entrevista com as coordenadoras pedagógicas que atuam com as turmas e com as professoras alfabetizadoras há mais de 10 anos.

Para preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios. A escola escolhida é considerada uma instituição alfabetizadora cujo trabalho é elogiado por toda sociedade e muito procurado pelos pais. A escola atende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e possui 450 alunos distribuídos em 16 turmas nos períodos matutino e vespertino.

Ao serem questionados se acreditam que todo professor pedagogo tem habilidade para alfabetizar, as entrevistadas responderam que:

Toda pessoa que termina a pedagogia (o Curso) geralmente tem mais aptidão para uma área ou outra. Nem todo pedagogo tem aptidão para alfabetizar. Professor alfabetizador tem que ter dom. Tem que gostar mesmo de alfabetizar. Por que o trabalho de alfabetizador é árduo. Um professor de 3º, 4º e 5º ano já pega o aluno mais desenvolvido, mais independente. (Professora Alfabetizadora – 1º ano - Fabiana)

Nem todos professores conseguem alfabetizar. Existem aqueles professores que tem o dom de alfabetizar. Tem professores que se aposentam no 1º ano, mas não são alfabetizadores. Ficam ali porque não querem assumir turmas mais avançadas, mas não são alfabetizadores. (Coordenadora de pedagógica Helena)

Não creio que todo o pedagogo tenha habilidade para alfabetizar porque acredito que alfabetizar está ligado a um dom. Tem que ter afinidade com o público alvo. Tem que ter facilidade para lidar com essa faixa etária. (Professora Alfabetizadora – 2º ano - Celina)

Todos os pedagogos são habilitados para alfabetizar, porém há profissionais que se formam e não tem o dom de alfabetizar no 1º ano. (Professora do 5º ano – Denilde)

Nem todo o professor pedagogo tem a habilidade de alfabetizar. Eu acredito que é um dom que transcende a formação. Tem que ter um pouco de querer e um pouco de dom. (Professora do 4º ano – Úrsula)

Alfabetização eu acredito que seja um dom. Primeiramente você tem que gostar de criança, tem que ter muita paciência e habilidade. Já ouvi muitos relatos. Professores que dizem que não tem dom ou não tem paciência, por isso preferem trabalhar com crianças já alfabetizadas, outras é por falta de interesse por que se quisesses conseguiam. (Coordenadora Pedagógica – Lena)

Entre as entrevistas, a palavra “dom” é sempre utilizada quando se refere à habilidade para alfabetizar. Para a professora Úrsula, alfabetizar é uma habilidade inata que vai para além da formação. Apontam a paciência como característica fundamental do professor alfabetizador. A coordenadora Lena salienta que alguns professores até conseguiriam alfabetizar se dedicassem a aprender. É curioso a constatação da coordenadora Helena ao pontuar que muitos professores se aposentam nas turmas de alfabetização sem serem alfabetizadores. Nesses casos, segundo o depoimento da profissional, esses professores culpam a escola, o sistema e não conseguem desenvolver um bom trabalho no processo de alfabetização.

Sobre a diferença do professor alfabetizador e os que atuam nas turmas do 3º, 4º e 5ºano, as entrevistadas emitiram as seguintes opiniões:

Tem professor que atua nas turmas do 3º, 4º e 5º ano que recebem alunos que não foram alfabetizados porque o professor do 1º ano não conseguiu fazer o trabalho todo, o professor do 2º ano deu uma sequência, aí chega no 3º ano e para porque o professor não consegue fazer o mesmo processo que o professor do 1º e 2º ano fez. Esse aluno vai para o 4º e para o 5º e o professor não consegue prosseguir com o trabalho. (Coordenadora de pedagógica Helena)

Professor de 4º e 5º recebe aluno que a gente não conseguiu se alfabetizado. Às vezes a gente não consegue alfabetizar o aluno no 1º e no 2º ano e professor nos anos seguintes tem que alfabetizar. Mas é um engano pensar que o conteúdo do 1º ano é fácil. Porque na verdade é complexo. (Professora Alfabetizadora – 1º ano - Fabiana)

A diferença é que o professor que atua no 1º ano tem que iniciar todo o processo, começando com as crianças pelos primeiros traços das letras, ensinar a ler, escrever e produzir. No 4º e 5º ano é um trabalho mais complementar, vai dá continuidade ao processo de alfabetização porque esses alunos já são mais independentes. Os pedagogos são habilitados para alfabetizar, porém há profissionais que se formam e não tem esse dom de alfabetizar no 1º ano. (Professora do 5º ano – Denilde)

A diferença entre professor do 1º e 2º anos e os professores do 3º, 4º e 5º anos é uma questão de didática e das metodologias utilizadas. O professor do 1º ano tem que alfabetizar, mas o professor dos anos seguintes que pegam alunos sem estarem alfabetizados tem que trabalhar com o conteúdo e alfabetizar ao mesmo tempo. (Professora do 4º ano – Úrsula)

As professoras que atuam no 4º e 5º ano ao serem questionados sobre o trabalho de alfabetizar, dizem que admiram muito, no entanto não têm habilidade. Dizem que “não tem jeito”. No entanto, nas turmas há crianças que não foram alfabetizadas e que requer a atenção do professor no que diz respeito à alfabetização. As professoras apontam que a alfabetização é um processo que deve ocorrer em todo percurso dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas reconhece que o trabalho com alunos do 3º ano em diante é diferente.

A independência dos alunos é a principal característica apontada pelas professoras para preferir atuar nas turmas. “Gosto de explicar os conteúdos e os alunos fazer as atividades sozinhos.” (Professora do 4º ano – Gizele). A professora Gizele foi a única que não citou a habilidade de alfabetizar como um dom. Segundo ela:

Não atuo no 1º ano porque essa turma ainda tem muitas características da Educação Infantil. O perfil do professor para atuar no 1º ano, do professor alfabetizador, tem que ter isso. Ele deve ser um profissional que saiba cantar, brincar, e ter o lúdico em suas práticas. (Professora do 4º ano – Gizele).

A fala da professora é fundamental nessa pesquisa. Ela cita não o “dom para alfabetizar”, mas o “perfil para alfabetizar”. Dom como já foi explanado no início desse tópico é uma dádiva, habilidade inata e o perfil é diferente, pois se faz no curso de formação, neste caso no curso de pedagogia. Ao concebermos a habilidade de alfabetizar como um dom, desconsideramos a formação e o trabalho de alfabetizar fica entendido, quando muito como uma habilidade nata que o curso de formação docente aprimora. No entanto, quando compreendemos que para atuar no processo de alfabetização é necessário ter um perfil, compreendemos que esse perfil se constrói no processo formativo.

Valorizamos a formação e a elegemos como condição para um trabalho consciente e competente. Sobre as características do professor alfabetizador as entrevistadas apontaram que:

O professor alfabetizador precisa ser persistente e determinado no que ele quer. Quer ver o seu aluno. No decorrer do ano você percebe que a pessoa tem o dom e que consegue fazer o papel de alfabetizador. Que nem todos têm. O professor alfabetizador não gosta de pegar turma do 3º ano em diante. Gosta de pagar o aluno ainda sem está alfabetizado para ele alfabetizar do modo dele. (Coordenadora de pedagógica Helena)

A diferença está nas metodologias. Tem que ter o lúdico. O professor precisa conhecer de fato em qual processo de alfabetizador para fazer as intervenções necessárias. Precisa saber que cada dia da sua aula tem que ser diferente e que precisa buscar aprender sempre. (Professora Alfabetizadora – 2º ano)

Um professor alfabetizador deve-se preocupar principalmente com a leitura e com a escrita. Todos conteúdos são importantes, mas a leitura e a escrita são fundamentais. (Professora Alfabetizadora – 1º ano)

O professor alfabetizador tem que ter paciência, habilidade e até mesmo

sensibilidade para trabalhar com crianças nessa etapa. Tem quem ser um profissional criativo e dinâmico. Saber atender a diversidade em sala de aula. Conhecer os conteúdos programáticos da alfabetização e gostar de trabalhar com os pequeninos. (Coordenadora Pedagógica – Lena)

É necessário nos atentarmos às características necessárias para a atuação de um professor nas turmas de alfabetização. Assim, poderemos pensar em que perfil de profissional precisamos e como os cursos de formação de professores estão desenvolvendo essa formação. Paciência, investimento da profissão, ludicidade são elementos que devem compor a formação docente do alfabetizador, no entanto não podemos nos esquecer do conhecimento profundo sobre as especificidades da alfabetização e do letramento.

4 | A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A formação de professores para atuar na Educação Básica faz-se por meio de cursos de licenciatura. As licenciaturas de áreas específicas preparam-no para atuar em disciplinas nos Anos Finais e no Ensino Médio, mas para atuar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é necessário concluir o curso de Pedagogia.

O pedagogo pode atuar em várias áreas em que o conhecimento pedagógico for necessário, no entanto, mesmo sem atuar na área educacional, recebe a referência de “professor”. De posse do seu diploma de licenciado, o pedagogo é professor habilitado para atuar na docência na Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Em diferentes níveis, a alfabetização e letramento perpassam por todos esses anos escolares.

Segundo o Art. 5º, inciso VI, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura aprovado pela Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano.” (Brasil, 2006, p. 2). Não há um direcionamento específico sobre aptidões necessárias para o professor alfabetizador.

No entanto, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017, há orientação quanto ao desenvolvimento da ação pedagógica no âmbito no processo de alfabetização que é indicado como os dois primeiros anos do Ensino Fundamental.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2017, p.57)

Se uma prática pedagógica com o objetivo de alfabetizar não abrange todos os alunos, é necessário não apenas rever a prática, mas também olhar para o aluno

que está aprendendo de modo a compreender os processos pelos quais ele se desenvolve. O aluno, com suas dificuldades de aprendizagens, pode direcionar as ações do professor se este olhar para o aluno. É necessário observar, tentar formas diferenciadas e jamais desistir do aluno. Assim, faz-se necessário refletir sobre a formação do professor no que tange a sua preparação para atuar nas turmas de alfabetização e letramento compreendendo que a deficiência na formação docente resultará em danos para os alunos que seguem o Ensino Fundamental sem estarem alfabetizados.

Segundo Ferreira (2011, p. 52) os professores precisam de informações para significar as produções das crianças em processo de aquisição de leitura e de escrita. “Eu creio que é possível pensar em alternativas que transformem o professor alfabetizador no mais importante de toda a escola, que é possível imaginar estratégias para não deixá-lo só e a mudar sua prática, apelando para a sua inteligência.”. A formação inicial e continuada precisa dar conta dos saberes que deve compor o perfil do profissional alfabetizador.

Leal (2005) aponta cinco saberes que vale a pena destacar aqui:

[...] para exercermos nossas funções de professores (as) – alfabetizadores (as), é preciso que tenhamos muitos tipos de saber [...]. (1) o que é alfabetização, articulando tal conceito ao de letramento [...]. (2) o que é esse objeto de ensino, a escrita alfabética, além de compreendermos o que é texto, gênero textual [...]. (3) quais são as hipóteses que os alunos elaboram e, conseqüentemente, o que sabem e não sabem ainda sobre a escrita alfabética [...]. (4) os percursos que fazem na apropriação desse sistema e as estratégias de aprendizagem que utilizam [...]. (5) os tipos de intervenção didática que são utilizados para ajudá-los a percorrer esses caminhos [...]. (LEAL, 2005, p. 90)

A formação dos professores alfabetizadores precisa contemplar conhecimento sobre os processos pelos quais os alunos aprendem a ler e a escrever, as formas de intervenção, conteúdos e metodologias que podem ajudar o professor alfabetizador em seu trabalho diário com diferentes alunos.

As experiências profissionais da autora desta pesquisa com turmas de alfabetização e com a formação docente de alfabetizadores permitem inferir que nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental as crianças apresentam ritmos de aprendizagens diferentes. Há aquelas que já chegam no 1º ano alfabetizadas, outras conhecem o alfabeto e o processo de alfabetização e letramento se desenvolve com facilidade. Este grupo de crianças representam em média noventa por cento da turma.

O desafio do professor, que deve contemplar a formação docente, está em alfabetizar esses outros dez por cento. Parte deles ainda consegue se apropriar do código alfabético e do seu funcionamento até o final do 1º ano, no entanto, uma porcentagem, em média três ou quatro alunos, ainda saem dessa fase sem estarem alfabetizados. São alunos que apresentam dificuldades de aprendizagens que desafia o professor e os limites de sua formação.

5 | O ALUNO ANALFABETO À MARGEM DO DESENVOLVIMENTO

Na escola analisada, apesar de bem avaliada pelas avaliações externas e ser reconhecida pela sociedade e pela rede municipal de educação como uma escola que desenvolve um excelente trabalho alfabetizador, nas turmas há sempre um percentual de alunos que não estão alfabetizados. Há casos de alunos que foram recebidos de outras escolas, alunos com Necessidades Educacionais Especiais, inclusive com laudo. Há situações não diagnosticadas de alunos que apresentam dificuldades de aquisição da leitura e da escrita, cujos motivos são desconhecidos pelos pais e pelos professores. O fato é que essas crianças chegaram ao 4º e 5º anos sem serem alfabetizadas.

Os desafios para o trabalho com essas crianças vão além das dificuldades comuns ao processo de alfabetização. Em um trabalho de recuperação com um aluno matriculado no 4º ano, mas sem conhecer ao menos as vogais, o responsável por essa pesquisa encontrou as seguintes características: O aluno analfabeto, que prossegue passando de ano escolar sem alcançar as habilidades de leitura e escrita, é copista. Ou seja, copia do quadro para a professor não brigar, mas não lê nem entende o que está copiando.

A ênfase praticamente exclusiva na cópia, durante as etapas iniciais de aprendizagens, excluindo tentativas de criar representações para séries de unidade linguísticas similares (listas) ou mensagens sintaticamente elaboradas (textos), faz com que a escrita se apresente como um objeto alheio à própria capacidade de compreensão. Está ali para ser copiado, reproduzido, porém não compreendido, nem recriado. (FERREIRO, 2001, p. 19)

O caderno do aluno observado tinha escritos do quadro, conteúdos sem qualquer sentido para ele. Tabuada de multiplicar quando ele não registra e nem reconhece a sequência numérica de 1 a 10. A relação que esse aluno tem com a escrita não o desafia a representar, compreender ou recriar. De fato, a escrita para ele é um objeto alheio a sua compreensão.

Ele acredita que copiar é o que lhe cabe fazer quando a professora passa atividades no quadro. Quando esse aluno é desafiado a ler e escrever diz que não sabe, que tem dificuldades e não se desafia a ler. Outra característica encontrada, é o fato de tentar “adivinhar” o que está se pedindo para ele ler. Se tiver qualquer referência da palavra escrita com o objeto ao qual ela se refere, o aluno vai tentando a sorte, na tentativa de oralizar uma palavra que se aproxima da escrita.

Alfabetizar para quê? Podemos continuar pensando em uma alfabetização rudimentar para alguns e sofisticada para outros? Como suscitar o direito à alfabetização ao lado de outros direitos primordiais? O direito à saúde significa, entre outras coisas, o direito de todo indivíduo a uma atenção médica atualizada, de acordo com os avanços científicos e técnicos dessa área profissional. O direito à alfabetização não pode significar menos que isso. (FERREIRO, 2001, p. 19)

Podemos constatar facilmente que o avanço democrático da alfabetização, tem permitido a entrada de um maior número de crianças na escola. Nossas gerações

se alfabetizaram mais que nossos pais, que por sua vez se alfabetizaram mais que nossos avós. No entanto, estamos em uma sociedade letrada, rodeado por várias formas de escritas. Interagimos por meio da leitura e da escrita em diversos suportes. Mais pessoas leem e escrever, então aquele que não ler e não escreve é um extraterrestre neste mundo. É mais excluído e sofre mais com as consequências do analfabetismo que as gerações passadas. Dessa forma não podemos nos contentar com uma escola que alfabetiza noventa por cento. Precisamos olhar para aqueles que estão seguindo os anos no Ensino Fundamental e ainda assim analfabetos. Eles têm muitos a nos ensinar a alfabetizar. Suas dificuldades são orientadoras de novas aprendizagens docentes.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao afirmar que a pessoa “nasce professor”, que ser docente é um dom, descarta-se totalmente a formação, descaracteriza a profissão docente. Assim, ao invés de cursos de formação de professores, poderíamos inventar uma instituição para detectar os dons e depois aprimorá-los. Para que tanto investimento em universidade pública e pesquisas acadêmicas na área educacional se a pessoa já nasce professor.

Atuar nas turmas de alfabetização com competência vai para além de dominar conteúdos, afinal os professores alfabetizadores são alfabetizados. Dominam o conteúdo a ser trabalhado com os alunos. Mas é importante pensar nas especificidades didáticas deste conteúdo. Habilidades como consciência fonológica, o processo pelo qual a criança se apropria da leitura e da escrita, os gêneros textuais e suas funções sociais, são entre outras aptidões fundamentais para a atuação docente no processo de alfabetização e letramento.

A formação do professor no âmbito do curso de pedagogia deve levar em consideração o perfil do alfabetizador. É importante compreender o processo de alfabetização como um percurso complexo que deve ser alvo de estudos e pesquisas fundamentadas. A formação precisa ser inicial, mas também continuada. Uma formação que leve em consideração os desafios enfrentados pelas crianças no processo de aprendizagem e pelos professores no desenvolvimento da sua prática pedagógica.

A formação do professor alfabetizador deve ter como conteúdo as possíveis dificuldades de aquisição de leitura e da escrita apresentada pelas crianças. Compreender as possibilidades de trabalho pedagógico de modo a não deixar nenhum aluno para trás. Não deixar que um percentual de alunos seja excluído da participação efetiva da cultura letrada que se desenvolve na escola e na sociedade. Nessa perspectiva a formação docente é emancipatória e oportuniza o desenvolvimento de um trabalho alfabetizador consciente e seguro a partir de uma prática que prever os problemas do percurso e se projeta de forma sistemática para

solucioná-los.

REFERÊNCIAS

BOM DIA BRASIL. **Professor não é profissão é missão afirma Alexandre Garcia**. G1, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/noticia/2014/08/professor-naoe-profissao-e-missao-afirma-alexandre-garcia.html>> Acesso em 30 de novembro de 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006. Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. Brasília: MEC, SEB, 2006.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escolade-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/21028-resolucoes-do-conselho-pleno-2015>>. Acesso em 01 de outubro de 2018.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 16 de Junho de 2018.

_____. **Resolução CNE/CP N° 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. MEC, CNE, CP, 2017b. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em 16 de Junho de 2018

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 14. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INFOPÉDIA. **Dom** in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/dom>>. Acesso em 30 de novembro de 2018.

LEAL, Telma Ferraz. **Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola**. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de;

LEAL, Telma Ferraz. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPEd - GT Alfabetização. Revista Brasileira de Educação, Poços de Caldas - MG, 2003.

TEBEROSKY, Ana. COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 4, 8, 34, 35, 39, 45, 46, 68, 72, 77, 83, 110, 112, 123, 124, 125

Alimentação 28, 32

Aprendizagem significativa 218, 220

C

Ciências Humanas 131, 132, 135, 137, 138, 139, 141, 194

Conhecimento científico 218

Currículo 21, 101, 131

E

Educação 5, 6, 2, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 46, 56, 68, 71, 72, 77, 80, 83, 88, 91, 96, 99, 101, 103, 105, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 143, 148, 150, 151, 152, 160, 165, 185, 187, 193, 194, 195, 197, 203, 204, 212, 219, 229, 233, 239, 240, 241

Educação infantil 11, 20

Ensino Médio 8, 41, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 145, 148, 152, 153, 155, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 173, 174, 183, 185, 186, 187, 194, 203, 206, 217, 229, 230, 232, 241

Experimentação 143, 168

F

Filosofia para crianças 59, 63

Formação de professores 34, 77, 99, 101, 109

G

Grandezas 183, 186, 187, 192

I

Ideb 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128

Interdisciplinaridade 203

Investigação 45, 61, 91, 162, 166, 167, 168, 173

L

Letramento 1, 2, 3, 6, 8, 34, 35, 45, 46, 73, 77

O

Oralidade 64

P

Planejamento escolar 93

S

Saeb 2, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130

T

Trabalho docente 34

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-532-7

